

Prólogo

# A guerra

*Sarajevo, 28 de junho de 1914*

Para Anna, aquele era um romance de contos de fadas: o herdeiro de um império que enfrentara a família para se casar com uma condessa, nascida numa família nobre tida como inferior à dele. Por isso a adolescente estava ali, entre a multidão de curiosos que esperava o famoso casal sair do prédio da prefeitura.

Por isso também sempre escolhia viver o sonho. Fantasiava que nascera uma princesa e não a triste filha de pai desconhecido e de uma dançarina de cabaré que um rico e inconsequente estudante sérvio trouxera da América do Sul apenas para escandalizar seus parentes na Bósnia. O que, para a dançarina, representava a oportunidade de obter luxo e dinheiro, à adolescente significava solidão numa província estrangeira, de língua complicada e alvo de uma tensa disputa entre dois reinos, o sérvio e o austro-húngaro.

As palmas dos simpatizantes e as vaias dos opositores anunciaram a saída do herdeiro austríaco Francisco Ferdinando e de

sua amada Sofia. Anna empertigou-se para vê-los melhor. Não tinha uma câmera fotográfica, mas mesmo assim eternizou o momento em suas lembranças.



Na mesma manhã, Francisco e Sofia tinham escapado por pouco de um atentado a bomba. Não conseguiram, porém, fugir do atentado seguinte logo após deixarem a prefeitura. Foram mortos a tiros por um jovem nacionalista sérvio.

Novamente a realidade destruiu Anna, que mergulharia nos desdobramentos trágicos iniciados naquele dia: uma guerra de proporções nunca antes vistas pela humanidade.

## Capítulo I

# Minha vida antes

---

*Santos, 6 de março de 2016*

Fotos. Taí uma paixão. Ou vício, sei lá. Se você quer me conhecer, conheça minhas fotos. Elas mostram como vejo a vida. Aliás, não é lá uma grande vida – muito comum, na verdade –, mas é a minha vida.

Meu nome é Larissa. Tenho dezesseis anos e um celular que praticamente uso só para tirar fotos.

Por que fotografar é tão importante para mim? Nem imagino. Talvez esteja no meu DNA, sabe. Meu pai é fotógrafo. Ou era, se o verbo concordar com minha mãe. Desde a época do divórcio, ex-marido virou para ela sinônimo de falecido. E isso faz tempo. Só para você ter uma ideia, nem me lembro do meu pai. Eu era um bebê quando ele foi embora, atrás de uma oportunidade para fotografar modelos em Paris, e nunca mais se preocupou em saber se ainda existo. Azar dele.

Não gosto de fotografar rostos. Prefiro detalhes que dizem

tudo. Ou nada. Talvez mostrem o que somos, o que queremos. Ou talvez tudo não passe de filosofia barata. Não importa.

Minha mãe trabalha como auxiliar de enfermagem no Hospital Guilherme Álvaro, em Santos, no litoral paulista. Entre aqueles plantões malucos – dia sim, dia não, folga-que-trocou-com-não-sei-quem e folga-que-nunca-consegue-tirar –, ela presta serviços de *home care*. Tradução: cuida de pessoas doentes em suas próprias casas. Tradução para nós duas: uma forma de fugir do aluguel. Não entendeu? Simples!

Desde que me entendo por gente, moramos na casa dos outros, a maioria idosa, que precisa de um cuidador por perto. Na prática, como minha mãe mal consegue dar conta do trabalho no hospital, quem faz o *home care* sou eu. Ajudo a dar banho nos pacientes, ministro comprimidos na hora certa, leio em voz alta livros que detesto e que eles nem sempre se interessam em ouvir. E isso sempre quando não estou na escola, na parte da manhã.

Não que eu não goste, entende? O problema é que não conheço outra vida. E falar assim quando se tem a minha idade parece até conversa de velho. Bom, talvez seja. Como já disse, não importa.

Tivemos mais um enterro. Ah, não contei que fui a vários deles na última década? Já cuidamos de alguns pacientes que, simplesmente, só esperavam pela morte.

Perda. Mais uma esta semana. Mais alguém que perco na minha vida. Era uma senhora de 73 anos, vítima de derrame – ou AVC, como se fala na área da Saúde. Ela foi definhando aos poucos... Azar o meu.

Não demorou para minha mãe encontrar um novo paciente e, como consequência, uma nova casa para nós.

— Fica no Embaré, uns dez minutos a pé do hospital – ela disse, empolgada. – O paciente é idoso, mora sozinho em um casarão antigo e...

— Mal-assombrado? – perguntei, com uma careta.

— Ahn, pode ser. Você vai adorar!

Odiei.

Quando chegamos ao número 119 da Rua Galeão Coutinho, permaneci parada longos minutos diante do portão de ferro, com medo de tocar em tanta ferrugem. O mato cobria a maior parte do quintal, pior do que o pântano daquele ogro famoso. O casarão tinha uma fachada carrancuda, com suas janelas de madeira podre e restos de pintura na parede que um dia foi branca. Nada animador.

Minha mãe me cutucou para que eu fosse tirar as malas do táxi enquanto ela pegava o dinheiro da carteira para pagar o motorista.

— Quem te contratou mesmo, mãe?

— A sobrinha do *seo* Lourenço, nosso paciente. Ele não teve esposa nem filhos.

— E essa sobrinha não mora aqui, certo? Fofa esperta...

Resmunguei sozinha palavras azedas que nem para mim faziam sentido. Praticamente arremessei as malas na calçada antes de, com raiva, pegar meu celular do bolso da calça jeans. Preferi fazer a foto do meu par de tênis, um pé com estampa e outro sem, como convém a toda adolescente que só pode extravasar a rebeldia na hora de se vestir. Aquela fachada horrorosa jamais ilustraria meu álbum de fotos nas redes sociais.

Minha mãe se despediu do taxista e se voltou para o casarão.

— Vamos, Larissa?

Não sei como não afundamos no pântano que se considerava um quintal. Chovera na véspera e havia lama para todos os lados. Senti nojo dos caracóis africanos que subiam pelos muros, uma praga importada que parecia crescer sem controle. Minha mãe carregava duas malas e eu, mais duas, além da mochila da escola.

A porta principal do casarão estava entreaberta. Lourenço devia estar à nossa espera.

— Que doença ele tem, mãe?

Ela hesitou. Quando hesitava, eu já sabia que a resposta era sempre pior do que previa.

— Mãe, qual é a doença?

— *Seo* Lourenço teve um colapso nervoso há anos.

— Ele é doido?!

— Não exatamente. Só um tanto... ahn... excêntrico.

— *A gente veio morar com um louco num casarão mal-assombrado? Quem ficou maluca é você!*

Minha mãe suspirou. E, quando suspirava, eu sabia que nenhuma das minhas argumentações surtiria efeito. Estava decidido e pronto.

— Vão me pagar o dobro do que costumo receber, Larissa. Poderei quitar aquelas dívidas e, quem sabe, ainda economizar algum dinheiro.

— Se pagam tão bem, por que o velho está sozinho, hein?

— Olha...

— Porque é preciso pagar muito bem para que alguém se arrisque a aceitar esse emprego, certo?

— Não é bem assim.

Interrompi o passo. Um calafrio sinistro não me deixou com a mínima vontade de entrar no casarão. Fantasmas, pensei. Como nunca vi nenhum, considerei avançar logo pela porta e espantar de vez o medo.

Na sala, nenhum sinal do além. A mobília era muito velha, a tevê fora fabricada antes da invenção do controle remoto, a estante exibia uma pilha de discos de vinil, rodeada de livros antigos, e o tapete surrado, abaixo da mesinha de centro, denunciava suas décadas de existência. Mas tudo parecia muito bem limpo.

Minha mãe sorriu para a mulher quarentona e roliça que veio nos receber. Era Dulce, a empregada que devia aguentar há sei lá quantos anos a loucura do velho Lourenço.

— A senhora deve ser a enfermeira Beth – disse ela, simpática.

— Sou auxiliar de enfermagem – corrigiu minha mãe, com delicadeza. – Esta é minha filha Larissa.

Para minha surpresa, ganhamos quartos espaçosos no andar de cima do casarão. Para quem estava acostumada a dormir espremida invariavelmente no quatinho de empregada, junto com a minha mãe, aquilo soou como uma extravagância. Pela primeira vez eu tinha um quarto só para mim!

Tudo bem que a cama e o guarda-roupa deviam somar mais de cem anos e que o colchão de molas rangia só de se olhar para ele. De qualquer forma, foi minha vez de abrir um sorriso imenso para Dulce. Por pouco não me pendurei em seu pescoço para lhe dar um beijo estalado.

— E você pode arrumar o quarto como quiser – acrescentou a empregada.



Meus olhos brilharam. E o beijo estalado acabou se tornando uma consequência inevitável.

Dulce afagou meus cabelos, como se eu ainda fosse criança, e saiu para levar minha mãe a outro quarto, ao lado do meu.

Larguei as malas e a mochila no piso de madeira encerado e corri para a janela aberta. Enfim, comecei a enxergar a tranquilidade daquela manhã de domingo na rua próxima ao Canal 4, com seus prédios de três andares, casas espaçosas, calçadas largas e vizinhança familiar. Uma idosa carregava duas sacolas de tecido, vendidas por um dos hipermercados da cidade para substituir as sacolas de plástico. Alguns passos adiante, uma jovem ensinava seu filho pequeno a andar de bicicleta. Um senhor atravessou a rua, apoiando-se na bengala. Com a mão livre, cumprimentou uma vizinha que varria o quintal.

Curioso como a cidade de Santos atrai um grande número de idosos. Talvez por ser uma ilha, sem ladeiras, com o charme do passado preservado por canais que a cortam até o mar. Canais invadidos por bandos de garças, sempre cutucando a água com o bico, à procura de minúsculos peixinhos que ninguém enxerga.

Bocejei, cansada. E me senti muito velha.

Uma casa enorme como aquela devia ser um lugar e tanto para se conhecer, não? Sacudi a cabeça para encerrar o momento baixa-autoestima-adolescente-deprimida e rumei para fora. Como se fossem velhas amigas, Dulce e minha mãe conversavam animadamente no outro quarto, uma contando para a outra que Lourenço adorava filmes e ia todo sábado ao cinema com a sobrinha. Nem me viram no corredor.

Visitei o banheiro amplo, com azulejos verdes até metade das paredes e uma banheira branca parcialmente oculta por uma

cortina de plástico, com estampa de margaridas. Depois, fui até o quarto que devia ser do dono da casa. Não vi nada que me interessasse xeretar.

Um novo bocejo e resolvi enfrentar a escada de madeira, de volta ao térreo. Quando cheguei, desisti de conhecer os demais cômodos. Os degraus de madeira continuavam, rumo ao subsolo. Esquisito mesmo.

Segui minha curiosidade. A escada terminava em um aposento sombrio, apesar da luz que ultrapassava uma parede de vidro, ao fundo. Lá fora, um estreito piso de concreto a separava de outra parede, essa de tijolos. Onde ela terminava, no alto, havia a superfície e o quintal.

O ambiente interno me fez pensar numa caverna. Mas uma caverna tomada por caixas e mais caixas de papelão empilhadas pelos cantos e prateleiras abarrotadas de livros e mais caixas. Num bancada, para o meu espanto, havia um computador de última geração e um celular importado que eu jamais teria condições de comprar. Um cobertor e um travesseiro estavam jogados sobre um dos três sofás. Quase pisei numa bandeja, esquecida no chão. O café da manhã permanecia intocado.

Um som de madeira estalando me assustou. Arregalei os olhos, o grito morreu em minha garganta.

Atrás de uma pilastra, um velhinho se debatia, pendurado pelo pescoço por uma corda que ele mesmo prendera em um lustre. Apenas agi. Voei para a cadeira em que ele subira e que derrubara com os pés para se enforcar. Coloquei-a no lugar e, já em cima dela, tentei segurar o velhinho pelas axilas. Usar o diminutivo, nesse caso, é ser gentil. O homem era muito maior do que eu e muito mais pesado do que o lustre poderia aguentar.

Desabamos juntos, a cadeira e o lustre quase nos acertando quando encontramos o chão. Rápida, diminuí a pressão da corda ao redor de seu pescoço. Automaticamente ele parou de sufocar e engoliu muito ar.

Espeiei quase um minuto para que reparasse na minha presença, ainda caída ao seu lado. Olhos escuros encontraram os meus.

— Você ainda gosta de refrigerante de laranja? – perguntou o homem, numa voz que soou fraca e rouca. Agia como se estivéssemos ao redor de uma mesa para tomar lanche.

Só então me dei conta de que acabara de conhecer o dono da casa e o novo paciente de quem ajudaria a cuidar: Lourenço.



Os últimos minutos da minha vida antes...